

Fareed  
Zakaria

# Biden precisa dizer certas verdades a Israel

— Ele mostraria aos EUA e ao mundo que ainda tem energia, clareza moral e sabedoria para liderar

Quando o Hamas lançou seu terrível ataque terrorista contra Israel, o presidente Joe Biden tomou uma decisão com base em convicção e cálculo. Ele anunciou sua total solidariedade ao país. Biden deve ter calculado que a única maneira de ter alguma influência sobre Israel seria abraçá-lo de perto, mostrar empatia real, enviar-lhe as armas de que precisava e ganhar sua confiança para moldar uma resposta. Foi uma estratégia bem pensada, mas fracassou quase completamente.

Desde o início, o governo americano pediu aos israelenses que considerassem a proporcionalidade em sua resposta ao Hamas. Israel ouviu e prosseguiu com uma das mais extensas campanhas de bombardeio deste século contra uma população de cerca de 2,2 milhões que, segundo as próprias estimativas israelenses, continha cerca de 30 mil terroristas do Hamas. Segundo uma estimativa de janeiro, mais da

metade dos edifícios em Gaza foram danificados ou destruídos.

O governo dos EUA aconselhou Israel a não realizar uma grande invasão terrestre em Gaza, a adotar uma abordagem mais restrita, com o objetivo de eliminar os terroristas e a infraestrutura do Hamas. O governo israelense realizou várias e longas reuniões com autoridades americanas e, em seguida, avançou com a invasão terrestre.

Após o término das operações iniciais, as autoridades americanas disseram às israelenses: o que foi feito no norte de Gaza não poderia ser repetido no sul. No entanto, depois de dizer às pessoas para se mudarem para o sul para ficarem fora de perigo, Israel passou a bombardeá-las de uma forma que o próprio Biden admitiu ser “indiscriminada”.

Os EUA têm pressionado Israel a fazer mais esforços para proteger civis inocentes, mas com pouco resultado. Agora, o

**Não é possível destruir o Hamas porque ele é uma ideia; e para derrotar uma ideia é preciso outra melhor**

país tem alertado contra a invasão de Rafah, cidade na fronteira com o Egito, onde mais de 1 milhão de palestinos se amontoam. O primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, prometeu invadir Rafah, independentemente de outro

acordo de reféns ser feito ou não.

Washington advertiu que, após a guerra, não deve haver nenhuma apreensão israelense de terras em Gaza e nenhuma nova ocupação de território. Os planos de Netanyahu são de fazer as duas coisas.

O resultado é que a política americana sobre a guerra em Gaza agora parece infeliz, ineficaz e imoral. A imagem de autoridades americanas se remoendo por causa das mortes de civis enquanto fornecem cada vez mais armas é grotesca. A imagem de um presidente dos EUA murmurando palavras como “indiscriminado” e “exagerado” para descrever os bombardeios de Israel sugere fraqueza e passividade.

**TRAUMA.** Parte do problema é que, ao confiar no governo israelense, Biden está confiando em Netanyahu, um político excepcionalmente inteligente que sabe como lidar com presidentes americanos com habilidade e tem feito isso há décadas. Desta vez, Biden foi enganado, manobrado e superado por Bibi.

Mas o problema vai além de Bibi. Israel passa por um trauma. O ataque de 7 de outubro abalou o país até o âmago. A sensação de segurança que Israel deveria conferir ao seu povo foi abalada. Como resultado, muitos israelenses estão permitindo políticas das quais se arrependem profundamente. Biden, como um verdadeiro amigo de Israel, tem credibili-

dade para dizer a verdade de forma pública e direta – talvez em um discurso no Parlamento israelense, como sugeriu o especialista em política externa Richard Haass.

Desde o início da guerra, 30 mil morreram em Gaza. Uma em cada quatro pessoas está à beira da fome e quase todas dependem de ajuda alimentar. Um cirurgião visitante de Oxford, Nick Maynard, descreveu a condição em um hospital em Gaza, um dos poucos que estão funcionando parcialmente: “Vimos muitas crianças chegando com os ferimentos mais terríveis, muitas das quais você sabia que iriam morrer.”

Israel diz que seu objetivo é destruir o Hamas. Você até pode matar seus militantes e destruir sua infraestrutura. Mas não é possível destruir o Hamas, porque ele é uma ideia: que a resistência armada é a única maneira de os palestinos obterem seus direitos. Para derrotar uma ideia, é preciso outra melhor – uma maneira de mostrar que a ação não violenta e a cooperação levariam a uma vida melhor para os palestinos e a uma segurança duradoura para ambos os povos.

Biden deveria ir a Israel e mostrar ao país seu amor por ele falando essas duras verdades. Ele também mostraria aos EUA e ao mundo que ainda tem energia, clareza moral e sabedoria para liderar. ● **TRADUÇÃO DE GUILHERME RUSSO**

É COLUNISTA DO “WASHINGTON POST”,  
PUBLICADO NO “ESTADÃO” AOS SÁBADOS

Alexei Navalni

## Polícia russa prende 67 em meio a funeral de opositor de Putin

MOSCOW

Sob forte presença policial, milhares de pessoas se despediram ontem do líder da oposição russa, Alexei Navalni, em seu funeral em Moscou, após sua morte ainda inexplicada, há duas semanas, em uma colônia penal do Ártico.

A multidão que homenageou Navalni diante de uma igreja num subúrbio da capital gritaram slogans contra o presidente russo, Vladimir Putin, e a guerra na Ucrânia, transformando o evento numa das maiores manifestações recentes de dissidência.

Pelo menos 67 pessoas foram detidas em eventos em to-

da a Rússia, segundo o OVD-Info, grupo de direitos humanos que monitora detenções políticas. A maioria foi presa ao tentar depositar flores em monumentos dedicados às vítimas da repressão soviética. Quando a morte de Navalni foi anunciada, no dia 16, a polícia prendeu centenas que tentavam deixar flores em memoriais.

**FUNERAL.** Navalni foi enterrado após uma curta cerimônia ortodoxa russa, com uma grande multidão do lado de fora da igreja e depois acompanhando o caixão até o túmulo. A viúva, Yulia Navalnaia, que não foi vista no funeral, prometeu continuar o trabalho dele e postou uma homenagem no Insta-

gram: “Obrigado por 26 anos de felicidade absoluta”.

O funeral ocorreu após uma batalha com as autoridades pela liberação de seu corpo. Assessores de Navalni disseram que várias igrejas de Moscou se recusaram a realizar o funeral do homem que fez uma cruzada contra a corrupção e organizou protestos massivos contra o regime.

Muitos líderes ocidentais atribuíram a culpa pela morte a Putin, uma acusação que o Kremlin rejeitou. A equipe de Navalni finalmente obteve permissão de uma igreja, que foi cercada por barreiras de controle de multidão.

Quando seu caixão foi retirado do carro funerário e levado para dentro da igreja, a multidão que esperava do lado de fora irrompeu em aplausos, gritando seu nome. Alguns também gritaram: “Não à guerra!” “Rússia sem Putin!” e “A Rússia será livre!” ● **AP**

Irã

## Conservadores são favoritos em eleição legislativa com comparecimento abaixo de 40%

Os conservadores iranianos são os favoritos para vencer a eleição legislativa, a primeira votação desde os protestos pela morte da jovem Mahsa Amini, em 2022. O governo ampliou o horário de votação em duas horas para tentar aumentar o comparecimento, que mesmo assim ficou abaixo de 40%. ●

Quênia

## Governo queniano assina acordo para envio de mil policiais para combater gangues no Haiti

Quênia e Haiti assinaram ontem um acordo para o envio de policiais como parte de uma missão internacional apoiada pela ONU. O plano queniano prevê o deslocamento de mil policiais para combater as gangues haitianas e reforçar a segurança no país. ●

Estados Unidos

## Arizona quer permitir que fazendeiros atirem em imigrantes que cruzam as propriedades

Um projeto de lei em tramitação no Arizona permitiria que fazendeiros matem imigrantes que cruzarem suas propriedades na fronteira. A proposta dos republicanos é debatida no contexto do caso do fazendeiro George Allan Kelly, que matou um mexicano e será julgado nas próximas semanas. ●